

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

FACULDADE DE FILOSOFIA

IMPLICAÇÕES ANTROPOLÓGICAS
DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

GOMERCINDO GHIGGI

1 9 7 8

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

FACULDADE DE FILOSOFIA

IMPLICAÇÕES ANTROPOLÓGICAS

DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado por

G O M E R C I N D O G H I G G I

para obtenção de licenciatura

em F I L O S O F I A

Pelotas, novembro de 1978

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
BIBLIOTECA

"COM A PALAVRA O HOMEM SE FAZ HOMEM. AO DIZER A SUA PALAVRA, POIS, O HOMEM ASSUME CONSCIENTEMENTE SUA ESSENCIAL CONDIÇÃO HUMANA. E O MÉTODO QUE LHE PROPICIA ESSA APRENDIZAGEM COMENSURA-SE AO HOMEM TODO, E SEUS PRINCÍPIOS FUNDAM TODA A PEDAGOGIA, DESDE A ALFABETIZAÇÃO ATÉ OS MAIS ALTOS NÍVEIS DO LABOR UNIVERSITÁRIO".

ERNANI MARIA FIORI

Este trabalho é dedicado a todos os nossos MESTRES que, de uma forma ou de outra incentivaram a realização do mesmo e, em especial, a nossos PAIS que nos deram chances, pelo seu modo de ser, de chegarmos a nos abrir a uma realidade que necessita de "LIBERTAÇÃO".

S U M Á R I O

	Página
INTRODUÇÃO.....	4
I. EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICO-EXISTENCIAL DE PAULO FREIRE.....	6
1.1. Vida e Obras do Autor.....	6
1.2. Contexto Histórico de sua Experiência.....	10
1.3. Por que uma Pedagogia do Oprimido?.....	13
1.4. Paulo Freire: um Homem, uma Presença, uma Existência.....	15
II. PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE.....	17
2.1. Ponto de Partida.....	17
2.2. Método - Características- Prática.....	19
2.3. Pedagogia: um Processo.....	24
2.3.1. Problematização: educação-diálogo.....	26
2.3.2. A Mútuo-Libertação: Educador-Educando.....	28
2.3.3. Pedagogia: uma Leitura da Realidade Quotidiana...	30
2.4. Ação Cultural e Conscientização.....	32
2.5. Conscientização, Libertação, Comunhão.....	34
III. IMPLICAÇÕES ANTROPOLÓGICAS DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE.....	36
3.1. Traços básicos da Pedagogia de Paulo Freire.....	36
3.2. Que Homem a Pedagogia de Paulo Freire revela?.....	43
3.2.1. O Homem como Dialogicidade.....	43
3.2.2. Características do Homem Antidialógico frente ao Homem Dialógico.....	49
3.2.3. O Desvio Antidialógico e a Vocação para o diálogo.....	51
CONCLUSÃO.....	53
NOTAS.....	56
BIBLIOGRAFIA.....	59

I N T R O D U Ç Ã O

No documento sobre "Educação" da II Conferência Episcopal Latino Americana, reunida em 1968, em Medellín, Colômbia, lê-se: "...a educação em todos os seus níveis deve chegar a ser criadora, en quanto deve antecipar o novo tipo de sociedade que buscamos na América Latina..." (1)

Esta afirmação dos Bispos, citada por Paulo Freire "La Educación en todos sus niveles debe llegar a ser creadora, pues ha de anticipar el nuevo tipo de sociedad que buscamos em América Latina" (2) abre caminhos para a compreensão do motivo deste trabalho: "IMPLICAÇÕES ANTROPOLÓGICAS DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE".

A presente pesquisa leva também em conta o fato da obtenção de licenciatura em Filosofia, para a qual é exigida a redação de uma tese. Além disso, revela grande angústia que o autor da presente pesquisa sentiu no decorrer de seus anos de Universidade. Estudar Paulo Freire foi uma chance de conscientização da realidade educacional enfrentada pelo aluno, confrontada a um método pedagógico amplamente aberto e libertador, como é o caso apresentado por Paulo Freire.

Quem é o Homem para a Educação? E o que representa a Educação para o Homem? Ou qual a sua relação? Estes e outros problemas, foram levantados pelo autor da presente pesquisa. Se defrontou e procurou responder no decorrer deste trabalho.

Sabe-se que uma educação só tem sentido de existir se estiver a serviço do homem, que tenha o homem como sujeito da história e que seja a razão da própria pedagogia educacional. É de máxima importância que em nossa época se pense uma pedagogia que realmente valorize e liberte o homem. Que se faça deste homem, sujeito da história, um meio de transformação da realidade presente. Parece que a chance para transformar esta realidade está numa educação conscientizadora. Eis o "por quê" da escolha e justificação deste assunto. Sobretudo isto se justifica quando em nosso país e em nosso continente se vê crescer aceleradamente a marginalização da grande maioria dos homens.

No decorrer da primeira parte do presente trabalho , ver-se-á um pouco daquilo que foi, o que fez, o que é e o que faz o Homem Paulo Freire. É uma tentativa de mostrar um pouco da existência e da experiência realizada por Paulo Freire com o Homem frente a Realidade Educacional.

Num segundo momento tentar-se-á compreender um pouco daquilo que é o grande método pensado e existenciado pelo pedagogo. Serão analisadas as características do método, onde o modo de ensinar é ensinar aprendendo. Mostrar-se-á o grande caminho, qual seja, a problematização daquilo que é proposto ao educando. Isto é feito no sentido de se chegar a uma mútuo-libertação, onde a realidade concreta do educando é analisada para fins de transformá-la. A conscientização é o grande meio para que se chegue a uma alfabetização libertadora. O que se busca é uma consciência crítica. Desta forma o homem será uma presença criadora.

Num terceiro e último momento, chegar-se-á ao objetivo propriamente dito do nosso trabalho, ou seja, colocar o homem num sentido de relação, de paralelismo com a Pedagogia de Paulo Freire. Assim no início do terceiro capítulo, retomar-se-á, rapidamente, a Pedagogia do autor em estudo. Em seguida, tentar-se-á saber quem é este homem que a mesma pedagogia revela.

Parece ser um desafio, especialmente para a América Latina e especificamente para o Brasil, que se tenha a coragem de ler e estudar Paulo Freire, uma vez que Ele vive no ostracismo e é relegado ao esquecimento. Sabe-se contudo que na Europa ele é objeto de constante e atualizado estudo até mesmo em teses de doutorado.

Estudar Paulo Freire exige condições de abertura pessoal, pela originalidade de sua antropologia e método pedagógico, como se verá nesta pesquisa.

Embora limitada no alcance e exigindo ulteriores aprofundamentos, tem-se a certeza de que o presente estudo enfocará, de maneira séria, a problemática das implicações antropológicas na pedagogia de Paulo Freire pelo manuseio intensivo de sua bibliografia.

I. EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICO-EXISTENCIAL DE PAULO FREIRE

1.1. Vida e Obras do Autor.

Paulo Freire nasceu no Recife em 19 de setembro de 1921, num bairro. Sua infância foi do tempo dos lampiões. Era um mundo de transformações. Seu mundo era o quintal dos fundos de sua casa onde havia árvores, bananeiras, cajueiros, fruta-pão, mangueiras. Aprendeu a ler à sombra das árvores. O seu quadro-negro era o chão. O seu lápis, um graveto de pau.

A figura do pai foi-lhe marcante e ao falar dele hoje, diz, tê-lo muito presente.

Paulo Freire era o caçula da casa, onde havia mais dois irmãos e uma irmã. Porém não teve muitos mimos e por isso agradece a seus pais e diz ter sido uma das grandes lições que recebeu em sua vida.

Ao ter que passar 13 anos de exílio, muito se correspondia com sua mãe, a qual veio a falecer há pouco tempo, sem que ele pudesse ver. Perdeu seu tio e também, por causa do exílio, foi impossibilitada a sua vinda.

Seu pai faleceu muito cedo e sua mãe, vivendo de uma pensão infima, apresentava uma vida difícilíssima aos filhos. E foi assim que Paulo Freire teve a experiência da fome. Fome que não é dieta para ficar com o corpo mais bonito, pois neste caso se sabe que se pode saciar quando se quer. Mas, "a que entra sem pedir licença, essa é dura". (3) Esse parece ter sido o grande caminho para a conscientização ou conversão que Paulo Freire sofreu e que todo o homem poderia e deveria sofrer. Fome que, às vezes, ele saciava furtando algo do quintal do vizinho. E conta muito bem que na Escola ele não aprendia quanto era "4X4", mas a geografia, os lugares onde poderia encontrar algo para saciar a fome e como agir para tal. E nisto mostra como a posição, o "status quo" pode prejudicar, pois mostra que, mesmo com os filhos passando fome, o seu pai nunca tirava a gravata do pescoço e nunca a família se desfez de um piano alemão. "Fome de uma família

pequeno-burguesa, que lutava fantasticamente para não perder a sua posição de classe". (4) Gravata e piano significavam classe (como o carro hoje) e desfazer-se deles era ir para os mocambos, donde nunca mais sairiam. Mas eles passavam fome.

E assim Paulo Freire ia à Escola Pública: "França, capital Paris, Inglaterra, capital Londres, e a professora dizia para mim: Paulo, repete, repete que você aprende. E eu repetia, fechava os olhos, mas é evidente que aquela geografia não tinha nada a ver com a minha" (5)

E destas situações Paulo Freire conclui dois aspectos:

- a) querer ensinar teoria dissociada da realidade ou querer incutir algo no educando, enquanto que este sofre o pior dos males: a fome, é absurdo.
- b) a criação de um método de ensino existencialmente situado, com resposta às necessidades reais do homem concreto.

Iniciou sua carreira no magistério aos 19 anos e conta que nunca teve medo de dizer aos alunos que não sabia alguma coisa, se isto ocorresse.

Devido a sua situação só entrou no ginásio com 15 anos e enquanto seus colegas, com a mesma idade, mas pertencentes a famílias com condições, entravam na Faculdade, ele ia para o 1º ano ginásial. Está claro que este atraso foi devido às condições sócio-econômicas em que vivia a sua família. Tendo entrado na Escola Secundária, porque sua mãe procurou (e encontrou) um colégio em que pudesse receber a Paulo gratuitamente.

"Eu comecei a entender as coisas com 18 para 19 anos quando eu voltei a comer de novo". (6)

Paulo Freire participou da geração de 45 - fase do fim do Estado-Novo, guerra, etc. Sua geração tinha o desafio da redemocratização. E diz que o que havia era muita ingenuidade. Sem envolvimento maior viveu essa época. Sempre viveu a dimensão política sem, necessariamente, ligar-se a um partido. Mas muito interessado na vida política brasileira. E neste período encontra-se com Elza - "(...) que foi um dos encontros mais criadores na minha vida". (7) Casou-se com ela por se sentir vocacionado a ser pai de família. Contava 23 anos. Tiveram cinco filhos e alguns netos. Continuaram o diálogo que aprendera de seus pais. "Nós estamos há 33 anos de casados e a cada dia a gente descobre uma coisa nova". (8) Entende Elza como uma presença de estímulo e solidariedade, muito sentindo isto quando da experiência do exílio. Ela ama, compreende, se interessa pelo que faz Paulo Freire e foi sempre presença sempre e, em especial, na situação mais difícil: o exílio.

Assim foi a vida de Paulo Freire: alguém que jogou bola com os meninos da rua; nadou no rio e defrontou-se com a nudez de uma menina. Com 10 anos começou a sentir e a pensar que no mundo há coisas que não andam bem e a perguntar que poderia fazer para ajudar os homens deste mundo. Alguém que a certa altura da vida teve a coragem e afastar-se da Igreja porque sentiu os sermões dos Padres como que vazios, não diziam nada da realidade que ele vivia ou via. Lendo Tristão de Ataíde é que a Ela voltou. Alguém que herdou do pai a capacidade de amar, a bondade, a inteligência. Da mãe, a confiança em Deus e a bondade. De ambos, o diálogo que hoje ele trava com o mundo, com os homens, com Deus, com sua mulher, com seus filhos, com a história dos homens, em especial, dos oprimidos. Aprendeu a respeitar as opções dos outros, pelo exemplo de seu pai, que mesmo sendo espírita, deixou liberdade a sua mulher, nos atos religiosos.

A partir do seu casamento começou a se interessar pelos problemas da educação. Estudava mais problemas relacionados à Educação, que Direito, no qual já estava formado. Deixou logo o trabalho de advogado e foi trabalhar num Departamento de Serviço Social no SESI. Tornou-se o Diretor do Departamento de Educação e Cultura do SESI, em Pernambuco e após, na Superintendência em 1946 a 1954. Aí fez suas primeiras experiências que culminaram no método iniciado em 1961. Com a mudança de regime que se deu em 1964, Paulo Freire foi considerado um "subversivo intencional", "um traidor de Cristo e do Povo Brasileiro", merecendo, prisão, e exílio.

Paulo Freire, à medida em que ia fazendo sua experiência, ia compondo, assim, a sua obra.

Em 1954, em Recife, compôs "Educação e Atualidade Brasileira" como Tese de Concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes de Pernambuco. "Conscientização e Alfabetização", de 1963, foi outra obra para a Revista de Cultura da Universidade de Recife. Numa Edição mimeografada, de 1963 - "A Atualidade Brasileira".

Porém seu primeiro grande tratado foi "Educação Como Prática Para a Liberdade", em 1967. "Pedagogia do Oprimido", em 1970, no México foi a grande obra da Opção de Paulo Freire. Aí resume todas as suas obras de 1969 a 1971.

Em 1975, no Brasil, é lançada uma Obra intitulada "Ação Cultural para a Liberdade" onde fez a tentativa de repensar criticamente a Educação, no sentido de sua construção.

Uma obra, que a nosso ver, é um dos grandes tratados de Paulo Freire é "Conciétizaciôn", de 1974 - pois além de mostrar o homem

Paulo Freire mesmo, o contexto histórico de sua experiência, tanto no Brasil como no Chile, Paulo Freire dá uma visão de seu método, de sua prática; das palavras-chave para a alfabetização e libertação e além do mais deixa pistas para uma Educação Libertadora.

Uma outra obra muito interessante é a lançada em 1977, "Extensão ou Comunicação"?

Como coroamento de suas principais obras, no mesmo ano de 1977, Paulo Freire lançou "Cartas à Guiné-Bissau", onde mostra como realmente é possível a prática deste seu método, pensado e praticado no Brasil, mesmo antes do autor passar pela experiência do exílio, que termina por reconhecer como rica e valiosa.

Muitos outros artigos, conferências, notas, entrevistas, artigos sobre Paulo Freire foram escritos e publicados, o que deixa o autor com uma razoável, mas rica Obra, como expressão de sua teoria e prática pedagógica e de alcance internacional, pois muitos trabalhos foram publicados a seu respeito.

1.2. Contexto Histórico de sua Experiência.

Começava uma campanha de alfabetização nacional que se propunha primeiro atingir as zonas urbanas e após as rurais. Porém o Educador foi taxado de comunista. Política foi confundida com Educação. Consciência de massa era subversão. Surgiram críticas e repúdios a tudo o que houvesse participação e conscientização popular. Assim a participação política, em especial dos mais pobres, foi anulada. Alguém que pelos pobres algo fizesse, seria repudiado pela burguesia.

A experiência de Paulo Freire teve lugar numa época onde se punha em ação muitas formas de mobilização-conscientização de massas: o Movimento de Educação Popular, Movimento de Cultura Popular por Estudantes, Sindicalismos Rural e Urbano, procedimentos de natureza política, social e cultural. A participação popular era cada vez maior, especialmente por causa da habilitação ao voto, com a alfabetização.

A SUPRA - Superintendência da Reforma Agrária também lucrou êxito e agrupou as classes camponesas para fins de defesa dos interesses das mesmas. Porém surgiu o "movimento" de 1964, sendo este tipo de atividade reprimida e extinta.

Paulo Freire deu início a seu trabalho em 1962, no Nordeste, região mais pobre do Brasil. Seu trabalho logo despertou interesse à opinião pública pois em 45 dias, 300 trabalhadores foram alfabetizados. E a decisão tomada foi que o método seria publicado e aplicado em todo o Brasil, apoiado pelo Governo Federal. Muitos cursos de coordenadores foram criados em todas as principais capitais brasileiras.

Em 1964 o plano do Movimento de Educação Popular era de aumentar o número de eleitores. Este tipo de Educação ao mesmo tempo que preparava o analfabeto e tornava-o eleitor, o preparava para um juízo crítico frente ao que as elites lhes propunham e possibilitava-lhe a escolha do próprio caminho. Não só por suas idéias, mas pela libertação do homem que fazia, Paulo Freire foi exilado. Porém, há coerência entre os princípios e a ação do educador. Sua idéia sobre Educação não é uma simples idealização da liberdade, mas uma abertura frente à história concreta.

Os políticos paulistas, porém, não viram relações entre alfabetização e conscientização. Só viram o fator político. Consequentemente, a partir do golpe militar de 1964, o método não mais foi apoiado,

mesmo sabendo-se de sua eficiência na alfabetização, o que deixa muitas interrogações. Foi mal entendido e pessimamente interpretado; entendido como um movimento só político ou meramente subversivo.

Enquanto que no Brasil o método de Paulo Freire foi tido como "radical e comunista", no Chile era utilizado em todos os programas oficiais de alfabetização. O Chile passou a ser objeto da atenção de muitos pontos mundiais e, da UNESCO, recebeu uma distinção como um dos países que melhor superava o problema da alfabetização.

Mas o tempo foi curto. "Foi pouco, mas deu para implantar a coisa em todo o país. O negócio era tão extraordinário, que não podia continuar". (9) Se o trabalho continuasse, em breve existiria 5 a 6 milhões de novos eleitores. Isto seria ameaçar a tranquilidade daqueles que estavam no Poder.

No Brasil foi preso e exilado, exatamente porque queria alfabetizar pessoas e conscientizá-las. Ficou sendo assunto interessante em todo o mundo, mas o Brasil não quis saber deste homem. Ele era acusado de subversivo e talvez de ignorante. E foi na Guiné-Bissau que realmente Paulo Freire, trabalhando lá, encontrou as possibilidades reais de pôr em andamento sua pedagogia. Assim Paulo Freire fala do que deveria e é a Educação num país como a Guiné-Bissau: "Não se trata, pois de um ensino que se dá numa escola que simplesmente prepara os educandos para outra escola, mas de uma educação real, cujo conteúdo se acha em dialética relação com as necessidades do país. O ato de conhecimento posto em prática por uma tal educação se dá na unidade da prática com a teoria, por isso mesmo não pode prescindir, cada vez mais, de ter no trabalho dos educandos e dos educadores, sua fonte". (10)

A experiência contada por Paulo Freire, no conjunto de sua obra, nasceu em território brasileiro. O esforço realizado pelo autor foi uma tentativa de resposta aos desafios que a sociedade brasileira continha. E isto implicou uma opção. Opção por este ontem, que significava uma sociedade sem povo, comandada por uma "elite" superposta a seu mundo, alienada, em que o homem simples, minimizado e sem consciência desta minimização, era mais "coisa" que homem mesmo, ou opção pelo amanhã. Por uma nova sociedade, que sendo sujeita de si mesma, tivesse no homem e no povo, sujeitos de sua história.

Sempre uma opção entre: uma educação para a domesticação, para a alienação e uma educação para a liberdade. Conscientizar as massas brasileiras, fazendo-as chegar a uma auto-reflexão e reflexão sobre o seu tempo e seu espaço. Para Paulo Freire, a elevação

ou a libertação das massas inicia exatamente com esta auto-reflexão situada, o que as permite passar da condição de menos objeto para a de sujeitos conscientes.

1.3. Por que uma Pedagogia do Oprimido?

"O meu primeiro universo é a família..." "Para mim é imprescindível a afetividade e o amor... Em primeiro lugar eu não admitiria que foram os burgueses que inventaram o amor. Eles podem ter a propriedade das máquinas, das fábricas, mas do amor, não. O amor é uma dimensão do ser vivo e que no nível do ser humano, alcança uma transcendência espetacular. Nesse sentido é que eu digo que a revolução é um ato de amor". (11)

A Pedagogia do Oprimido apresenta dois momentos distintos:

- a) os oprimidos desvelam o mundo da opressão e se comprometem na vida concreta, na praxis, com a sua transformação e com a transformação do mundo, a partir da tomada de consciência de sua própria situação.
- b) no processo dessa Pedagogia ela já não é dos oprimidos e vai se tornando pedagogia dos homens em permanente libertação.

Paulo Freire faz uma "Pedagogia do Oprimido", justamente porque os opressores muito têm de pedagogia, de chances de aprender e não aprendem ou não aprenderam ainda. Em todas as suas "alfabetizações" não conseguem se livrar do jugo que a eles mesmos oprimem e da opressão que exercem sobre os outros, a qual seria a maior e melhor educação que poderiam tentar compreender.

Paulo Freire diante da dependência que oprimidos sofrem frente a opressores, quer com sua Pedagogia do Oprimido, recuperar a humanidade (enferma pelas desigualdades de condições de vida existentes). Uma luta que há de ser travada "com o" oprimido e não "para o" oprimido. "Pedagogia que faça da opressão e de suas causas, objeto da reflexão dos Oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará". (12)

Os desimpedidos, os livres destes problemas são os pequenos e é neles que está a chance de salvação. Deles é fácil que surja a solução para uma nova humanidade. É neles que Paulo Freire deposita a sua esperança, até mesmo para a conversão dos opressores.

Não seria necessária uma pedagogia do Oprimido, se não houvesse uma relação de opressão que violenta e oprime a Opressores e a Oprimidos. Quem faz a violência é quem oprime, quem explora, quem não se conhece nos outros. Quem faz o desamor, não são os desamados, mas os que não amam, pois os que não amam não o conseguem fazê-lo, porque apenas se amam.

"Este ensinamento e este aprendizado têm de partir, porém, dos "condenados da terra", dos Oprimidos, dos esfarrapados do mundo e dos que com eles realmente se solidarizam. Lutando pela restauração de sua humanidade estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira". (13)

1.4. Paulo Freire: um Homem, uma Presença, uma Existência.

Paulo Freire antes de teorizar foi alguém situado no tempo e espaço, tornando-se assim sujeito de sua história e da história que universalmente pretende construir. Enraizado na realidade brasileira, se deixava interrogar e por isso se comprometendo, porque a "cultura do silêncio" era, para "eles", uma presença constante.

Aos menos favorecidos cria seu método pedagógico que, apesar de ainda não ter alcançado, ter sofrido barreiras, tem seu cerne na conscientização, e muito tem ajudado aqueles que menos são favorecidos. É um método pedagógico de libertação de camponeses analfabetos, deixando caminhos abertos a muitas linhas de investigação e trabalho em favor dos que mais necessitam.

Sua presença perturbou aqueles que da autoridade fizeram um poder opressor. Foi uma constante, de busca de justiça junto aqueles que menos condições tinham de conseguirem a justiça que lhes era própria. Assim quando fala do porque criou o seu método, diz da responsabilidade que sentia ante a sua vivência real e o como milhões de irmãos seus, viviam. Assim não seria justo. Afinal ele era educador. Fala que se fosse arquiteto, iria ensinar aquela gente mais simples a construir seus mocambos. E assim no caso de outras profissões. Porém, o que ele era mesmo era educador. E como tal, sentiu-se no dever de participar da construção de uma história mais autêntica, de uma educação mais libertadora. E encontrou seu grande caminho justamente com aqueles que, dominados, esmagados, explorados, viviam num mundo de plena imersão. Ao sentir suas chances frustradas em sua própria Pátria, partiu para outros lugares. Na certeza de que a vocação para a qual um homem é chamado deve ser cumprida, Paulo Freire continuou construindo libertação e por isso mesmo construindo sua própria libertação.

Um homem que a partir de uma realidade testemunhada, passou a comprometer-se com ela, marcando-a significativamente com sua presença. Uma presença que se transformou na sua plena realização, pois, a experiência por ele realizada, mostra o quanto soube trabalhar, dedicar-se àquela missão que haveria de cumprir. Sua presença foi gratificante para aqueles que esperavam por sua libertação, porém foi desconcertante para todos os que de um modo ou de outro manipulavam, oprimiam, faziam de sua posição um modo de subjugar seus semelhantes.

Um homem que, em última análise, tenta fazer com que a justiça tenha seu lugar de privilégio, ou seja, que ela possa existir para todos e em qualquer situação. Alguém que sabe ser com aqueles que dele precisam e para tal se dispunham a recebê-lo, que soube ser com a

queles que na esperança de fazê-lo calar, usaram da violência. Deixou uma experiência marcada pela voz profética de alguém que não e-xitou em deixar tudo para poder continuar sua missão. Sua presença, hoje, em toda e qualquer realidade pedagógica, deveria se impor como um dever de consciência de todos os educandos, sobretudo, os brasileiros. Marcando toda a sua vida (experiência) com o amor por seus semelhantes, Paulo Freire, deixa aberto o caminho que certamente por muitos será seguido e por outros tantos, desprezado.

Mais do que o método, importa, sua inspiração, seus motivos, seus ideais, seu testemunho de fidelidade e para nós, sua capacidade de caminhar numa orto-praxis - numa epistemologia - onde reflexão e ação se dão uma para a outra dialeticamente, por isso, como trabalho engajado e comprometido. Sua Pedagogia - do Diálogo, emerge de seu estar dialogicamente em relação com o criador, com o homem e com o mundo.

II. PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

2.1. Ponto de Partida.

Como ponto de partida ou um dos pontos fundamentais de sua Pedagogia, Paulo Freire fala da tarefa do Educador, dizendo: "o educador, por sua experiência intelectual, por sua sistematização maior do que o educando, coloca diante do educando, mediando os dois, um objeto de conhecimento (...) que ele, previamente, conhece. Mas no momento em que o educando, desafiado nessa situação de conhecimento, como a desvelar o objeto, o educador, que desvelou antes, desvela o objeto no desvelamento que o educando faz". (14) "Educador é sujeito junto com o educando, com mais experiência e aprendendo na aprendizagem que o educando faz. É um processo constante e contínuo". (...) "Isso implica a invenção, a reinvenção do educando, amplia a atividade do educando e portanto a humildade do educador. Ele precisa também dizer que não sabe, ter coragem de dizer, porque a partir do momento que ele diz que não sabe, abre a possibilidade de saber". (15)

Quando Paulo Freire fala em experiências, para iniciar, ele diz: "As experiências não se transplantam, se realizam". (16) Com isso ele fala que cada situação é uma nova realidade, um novo desafio a ser assumido como compromisso, por que está a fim de construir sua história.

Paulo Freire para iniciar uma nova Pedagogia, algo que realmente libertasse teve que substituir a escola pelo que chamou de "Círculo de Cultura". Um coordenador de debates é quem substituiu o professor com as tradições chamadas "doadoras". O diálogo tomou o lugar da aula discursiva. Tomando o lugar dos "pontos" e programas alienados, organizou uma programação "compacta", "reduzida" e "codificada" realizando-a em unidades de aprendizado.

Sentiu a necessidade de uma alfabetização de tomada de consciência, de um sair para fora. Transformar a ingenuidade em criticidade ao mesmo tempo que alfabetizava. Que a alfabetização fosse um ato de criação do educando e também do educador.

Assumir um homem concreto no mundo e com o mundo como um ser capaz de ser criador, pois pelo seu trabalho ele altera a realidade. Assumir uma realidade de homem que, quando despertado pela necessidade de ser ou de ter alguma coisa ele trava relações com os homens. Mas para ter uma alfabetização baseada no primeiro passo, que seria a conscientização e assumindo um homem concreto, capaz de ser criador e travar relações com os demais homens, Paulo Freire, não poderia prescindir do Diálogo. Entre o homem e o Diálogo, a natureza. Daí a comunicação dos homens, o encontro entre consciências.

Assim para a construção de sua pedagogia e mais, de seu método, Paulo Freire, admitiu como saída ou como ponto de partida o homem concreto, colocado numa realidade que mediatiza os homens, que os faz se comunicarem, dialogarem. Assim ele chega a conscientizar este homem a partir da construção da realidade, a partir do momento em que criticamente chega a análise desta realidade e parte daí para a alfabetização. Alfabetização que também é conscientizar, que é tornar o homem aquilo que ele é, ou seja, alguém criador, crítico, com uma visão global do mundo que o cerca, da natureza que o mediatiza com os outros e estes, com os quais, relacionado, trava o diálogo.

A Liberdade pregada é: como uma maneira de ser homem. Liberdade e crítica são atitudes que não devem se limitar a relações internas do grupo, mas devem expressar a tomada de consciência, pelo grupo, de sua situação social.

O Diálogo por sua vez é o caminho pelo qual o homem descobre e toma consciência de:

- existência de dois mundos: natureza e cultura;
- papel ativo do homem no mundo e com ele;
- a mediação que a natureza realiza no diálogo entre os homens;
- cultura: como produto do trabalho, do esforço criador do homem;
- cultura: incorporação crítica e criadora;
- democratização da cultura: dimensão da democratização total;
- aprendizado da leitura e escrita: base para que o alfabetizando entre no mundo da comunicação escrita;
- o papel do homem: ser sujeito e não objeto.

Quando o homem se descobre autor do mundo, fazedor de sua cultura e que descobre que tanto ele, o analfabeto, como o intelectual, são criadores, o analfabeto começa a mudar as estruturas interiores.

2.2. Método - Características - Prática.

Como ponto de partida, quanto ao método, Paulo Freire apresenta uma espécie de experiência ou relato da longa experiência que tem sido a aplicação de seu método.

Assim, a um grupo, é apresentada uma situação existencial: numa primeira atitude é simplesmente descrever a realidade - alguém como mero observador. Num segundo momento, seria tomar essa realidade de observada e problematizá-la, isto é, questionar essa realidade. A terceira fase seria chegar à crítica dessa mesma realidade.

Paulo Freire iniciou a sua Pedagogia com a chamada "Ação Cultural". Os temas escolhidos eram próprios daqueles que estavam aprendendo e surgia, assim o "universo temático". O grupo era que escolhia o assunto que deveria ser posto em debate. Com pessoas capazes de discutir, de dialogar travava o debate.

À análise da realidade chegavam com recursos visuais, esquemas, slides, etc. Nem sempre terminavam assumindo uma posição crítica e problematização desta realidade mesma. Assim Paulo Freire verificou que era possível que o alfabetizando "introjetasse" o nome, a palavra, associada à imagem visual e após "extrojetar" as palavras introjetadas. Porém, continuando com suas experiências, chegou a conclusão que nada tinha a extrojetar ou introjetar, mas fazê-los chegar à compreensão crítica da palavra. E deu bons resultados. Tudo depende da curiosidade do alfabetizando e esta deve ser sempre animada e reinventada. No início, nada mais importante do que o estímulo à expressão oral do alfabetizando - a seguir associando-o com a escrita e terá o domínio da palavra.

Assim a sílaba será importante na construção da palavra e esta na construção do pensamento. Chegará, deste modo à compreensão crítica do próprio pensamento, o qual não existe sem realidade concreta. "Então na etapa da alfabetização ainda, tu introduzes o que eu chamaria de uma leitura diversificada e superficial da realidade, através da descodificação da temática girando em torno de palavras geradoras". (17)

Paulo Freire fala até em "dúvidas" quando se coloca a sua pedagogia em termos de método, mas que na verdade ele existe. Ele fala que não fez um "método pedagógico". O que se deveria ver e analisar procurando um método de conhecimento e, ao caracterizar o método de conhecimento, dizer "mas esse método de conhecimento é a própria pedagogia". Ele fala em "caminho epistemológico" sua alfabetização, conforme ele mesmo afirma, é Teoria do Conhecimento. (18)

Quanto ao tema gerador, que é um modo de concretização, é algo a que Paulo Freire chegou não só pela própria experiência existencial, mas por meio de uma reflexão crítica sobre as relações homens mundo e homens-homens. Geradores, pois qualquer que seja a natureza de sua compreensão como a ação por eles porvocada, tem em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam outras tarefas que devem ser cumpridas.

Para conhecer a realidade é necessário ter uma condição totalizante do contexto; logo após separar ou isolar os elementos ou as partes do contexto e como a nova síntese se voltaria com maior clareza à totalidade analisada.

A investigação "tema gerador" existente no "universo temático mínimo", quando feita de modo metodológico-conscientizador, possibilita a apreensão do mesmo e inicia a inserção dos homens num modo crítico de pensar o mundo. A descodificação por sua vez, é um descer do abstrato ao concreto. É a análise. Codificação é a síntese, reunião. Estes "temas geradores" só são encontrados nas relações homem-mundo. Trabalhar com o tema gerador é trabalhar com o pensar humano relacionado à realidade, sua atuação sobre a realidade, sua praxis.

A temática significativa é expressa pelos homens. Ela aparece com suas dúvidas, anseios, esperanças. Assim também os homens estão cheios de dúvidas, anseios, esperanças. Por isso mesmo é que estão sendo e não são algo idealístico, abstrato. E assim captar e entender os anseios, angústias, esperanças de modo geral ou concreto é entender os homens. E nesta busca já se deve pensar na sua problematização.

Assim poderiam ser apresentadas as várias partes da investigação:

Primeira parte - um levantamento concreto existencial, junto daqueles com os quais se atua.

Segunda parte - com os dados recolhidos, os investigadores chegam à sua apreensão. Esta é feita do conjunto de contradições. Sempre em equipe escolhem-se algumas dessas contradições, com as quais elaborar-se-ão as codificações que servirão à investigação temática. Essas codificações, como situações existenciais, devem ser simples na sua complexidade e oferecer várias oportunidades ou possibilidades de análises na sua descodificação. Os alfabetizados se dão conta da maneira como antes percebiam. A partir daí percebem de modo diferente a realidade, e ampliam o horizonte do perceber, vão surpreendendo e se surpreendendo.

Projetada a situação com a primeira palavra geradora, é necessário descer, após a realização da representação gráfica da expressão oral da percepção do objeto e, assim, o debate. Chegando à análise, o grupo com o coordenador, no processo de decodificação da situação apresentada, é proposto ao educando, uma visualização (não memorização) da palavra geradora. Com a visualização estabelece-se o laço semântico entre a palavra e o objeto a que se refere, representado na situação.

Após, a palavra, decomposta em sílabas, é apresentada. Vistas as partes, na fase da análise, passa-se à visualização das famílias silábicas. Estas "famílias" primeiro são estudadas de forma isolada. A seguir são examinadas no conjunto, chegando-se a identificação das vogais.

Assumindo tal mecanismo, de maneira crítica, o educando estabelece, por si mesmo, um sistema de sinais gráficos. Cria palavras, desde o primeiro dia de alfabetização, com combinações fonéticas colocadas a sua disposição. Isto tudo pela decomposição de uma palavra de apenas 3 sílabas. Com os exercícios orais não há somente um conhecimento, mas também um reconhecimento, partindo, o alfabetizando, desde o primeiro dia, para a escrita. Por isso é importante o domínio das combinações fonéticas, chegando a expressar-se graficamente como fala. É importante, para tal, desafiar a consciência crítica, desde o começo.

O Educando toma parte da Educação, livre e criticamente. O Coordenador exerce uma função de Diálogo e não de professor. "Coordinar, jamás imponer su influencia." (19) Os alunos considerados "homens que aprendem a ler" e não analfabetos. "La alfabetización y la conscientización son inseparables. Todo aprendizaje debe estar íntimamente asociado a la toma de conciencia de una situación real y vivida por el alumno". (20)

Assim a cultura feita pelo homem é sempre no sentido de suprimir um esforço por causa da ajuda de um instrumento usado. Transferindo o uso do instrumento, bem como a técnica na fabricação, faz educação. E conclui-se que ser analfabeto é "pertencer a uma cultura iletrada e não dominar as técnicas de ler e escrever". (21)

Com o avanço tecnológico há uma possibilidade sempre maior de o homem, por seu espírito criador, por seu trabalho, relacionado com o mundo, transformá-lo cada vez mais. Esta transformação, no entanto, deve humanizar. porque só assim ela terá sentido.

O animal na sua caça, não faz cultura. Não é caçador, mas perseguido.

Experiências mostraram que os camponeses só se interessam diretamente pela discussão, quando a codificação diz respeito concretamente a sua realidade. Neste processo de descodificação o papel do investigador, com um auxiliar da descodificação, é de ouvir os indivíduos, desafiá-los, problematizá-los. A conscientização continua sendo o grande e único caminho a ser seguido. A Alfabetização é sempre um tornar compatíveis, a existência do trabalhador e o material que se oferece para a aprendizagem. É ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de promover outros atos criadores.

O método buscado por Paulo Freire tem sua grande característica no fato de não ser uma educação "abecedária", onde o alfabetizando é mero objeto. Esse mesmo método foi dividido em fases para sua elaboração e colocação em prática:

- A primeira é chamada fase do "descobrimento vocabular". É o momento da descoberta das palavras mais carregadas de sentido existencial e as expressões típicas do povo, como formas ligadas à experiência de grupos. Tem como consequência, o relacionamento e a escolha de um conteúdo adequado. As palavras geradoras nascem de uma busca. No universo vocabular já descoberto, seleciona-se as ^{palavras} ~~silabas~~, como conteúdo da segunda fase. Os critérios que nesta seleção são usados são:

- riqueza silábica;
- dificuldades fonéticas, colocando-se na ordem crescente as dificuldades;
- o conteúdo da palavra: o que maior compromisso possível tem (a palavra) com a realidade social, cultural, política...

Na (terceira) fase apareceria a criação de situações existenciais típicas do grupo com o qual se trabalha. São os "desafios" apresentados, que devem ser descodificados pelos educandos junto ao coordenador. Aqui há uma conscientização para a alfabetização.

Numa (quarta) fase acontece a elaboração ou fichas que indiquem, ajudem aos coordenadores do debate no trabalho com o grupo. São fichas-roteiro e como mero auxílio aos coordenadores, jamais uma rígida prescrição a ser seguida.

Na (quinta) fase acontece uma nova elaboração de fichas, agora com as famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras apresentadas ao grupo. Assim, terminada toda esta preparação ou seja: elaborado o material em forma de diapositivos, de filmes ou de slides, feitas as equipes de supervisores e de coordenadores, bem preparados e adentrados nos debates referentes às situações já elaboradas, e em posição de sua ficha indicadora, após todo esse trabalho é que realmente começa o trabalho de alfabetização.

guidor. Assim com tais debates surgem temas como: poder criador, li berdade, inteligência, instinto, educação, adestramento, etc.

"O homem transforma a matéria da natureza com o seu trabalho".
(22) Assim com estas poucas situações e colocações chega-se ao "Circulo de Cultura" já em funcionamento. São reflexos de uma alfabetização já encaminhada, onde o homem se descobre pessoa, capaz de fazer sua cultura, de criar.

Concluindo, basta mostrar quantas e quais as palavras usadas no método de Paulo Freire. As palavras geradoras, usadas, são em nº de 17 (usadas no Rio de Janeiro e antiga Guanabara) e todas elas com possíveis dimensões da realidade que eram analisadas. Assim é apresentada a primeira palavra: FAVELA. Mostram-se as necessidades fundamentais em torno a mesma palavra: habitação, alimentação, vestuário, saúde, educação. Analisada a situação existencial, como uma fotografia, vê-se o aspecto de uma favela na qual debate-se os problemas de habitação, alimentação, vestuário, saúde, educação, descobrindo-a como situação problematizadora ou problemática - passa-se a seguir à visualização da palavra, com a sua vinculação semântica. A seguir mostra-se um slide só com a palavra: FAVELA. Outro Slide com a palavra em sílabas: FA-VE-LA. Após a família fenomênica.

FA-FE-FI-FO-FU.

VA-VE-VI-VO-VU.

LA-LE-LI-LO-LU. Após as três famílias num mesmo Slide:

FA-FE-FI-FO-FU

VA-VE-VI-VO-VU = Ficha de Descobrimento ou ficha de

LA-LE-LI-LO-LU descoberta.

E assim o grupo cria palavras com as combinações a sua disposição. O mesmo acontece com as demais 16 palavras: CHUVA, ARADO, TERRENO, COMIDA, BATUQUE, POÇO, BICICLETA, TRABALHO, SALÁRIO, PROFISSÃO, GOVERNO, MANGUE. ENGENHO, ENXADA, TIJOLO, RIQUEZA.

2.3. Pedagogia: um Processo.

"A ajuda autêntica é aquela em cuja prática os que nela se envolvem, se ajudam mutuamente, crescendo juntos no esforço comum de conhecer a realidade que buscam transformar".(23) Ajudam-se mutuamente, simultaneamente,

Na experiência relatada por Paulo Freire em sua obra "Cartas a Guiné-Bissau", é mostrada uma experiência de aprender primeiro, ensinar depois, e continuar a aprender ensinando.

Ensinar vincula-se intimamente ao ato de aprender. "Tomando a educação como um ato de conhecimento qualquer que seja a relação educacional, a que se dá informalmente no lar, e a que se dá formalmente na escola, é impossível escapar ao ato de conhecimento o qual se processa: tanto educador, como o educando são sujeitos do conhecimento". E continua: "O erro de uma pedagogia tradicional e reacionária, está, um deles, em que o objeto de conhecimento é posse do educador. O educador possui o objeto do conhecimento e transfere, no modo ideal que ele acha que conhece. O educando, então, castrado na possibilidade de recriar o objeto, de penetrar no objeto, apoderar-se, apreender o objeto, recebe...o educando sofre o ato de conhecer. Ele come o objeto..." (24)

Para a validade de toda e qualquer educação, deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreta do homem concreto, a quem um educa ou quer educar ou que um quer ajudar a que o outro se eduque. Que a educação saia de tudo o que constitui a vida do educando e deve ajudá-lo a chegar a ser sujeito. Somente por uma reflexão sobre sua situação, seu ambiente concreto é que o homem chega a ser sujeito e assim emergindo plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la. Quando o homem está integrado em seu próprio meio, pensa, reflexiona este mesmo ambiente e se sente comprometido e realmente se compromete, aí é que ele se constroi a si mesmo e se torna sujeito:

- ele sabe reconhecer realidades externas a ele e estabelecer relações com outros seres.

- é por estas relações que ele chega a ser sujeito.

O homem, integrado nas condições de seu meio de vida, refletindo, o mesmo e apontando respostas aos grandes desafios, bem como aos pequenos que se lhe apresenta - cria cultura - opondo-se a natureza.

O homem é fazedor da história, porque enquanto cria e decide, as épocas se formam e reformam. O homem quando capta os desafios

próprios de sua época, cumpre as teorias concretas que supõe a realização deste temas, faz história. Nos conteúdos, programas e métodos, é necessário que a Educação se encontre adaptada ao fim que se deseja, que é: que o homem chegue a ser sujeito, se construa como pessoa, transforme o mundo, estabeleça, com os outros relações de reciprocidade, fazendo a cultura e a história.

Porém, se quisermos um homem construtor da história, criando sua própria cultura, é necessária uma educação autêntica que liberte e não que adapte, que domestique ou subjugue; o homem deve ser ajudado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade para transformar esta realidade. Assim e por isso tudo é que a Pedagogia, e em especial, a Pedagogia de Paulo Freire, é um processo. Um processo de aprender-ensinando, ensinar-aprendendo e ensinar a aprender. Ninguém possui o saber no seu sentido total, absolutamente certo ou absoluto. Por isso que tal "implicações antropológicas" existem em sua Pedagogia e sem as mesmas não teria sentido.

2.3.1. Problemática: educação-diálogo.

"Defendendo a educação como uma situação eminentemente gnosiológica, dialógica por consequência, em que educador-educando e educando-educador se solidarizam, problematizados, em torno do objeto cognoscível, resulta óbvio que o ponto de partida do diálogo está na busca do conteúdo programático". (25)

Com essa frase inicial Paulo Freire quer falar que, na educação, o que é importante é que seja problematizado o mundo do trabalho, das obras, dos produtos, das idéias, das convicções, das aspirações, dos mitos, da arte, da ciência, do mundo da cultura e da história, resultantes da relação homem-mundo e condiciona os próprios homens, seus criadores.

Na problematização do homem-mundo ou do homem relacionado com o mundo e com os outros homens, há chances de aprofundamento de sua tomada de consciência da realidade, na qual e com a qual está. Esta tomada de consciência ou o seu aprofundamento deve ser sua ação transformadora da realidade, supera o conhecimento sensível e alcança a razão da mesma realidade."... o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homens-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações". (26)

Na prática de uma educação problematizadora, dialógica, o conteúdo se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus "temas geradores". Assim o papel do educador dialógico é tomar o universo temático e devolvê-lo problematizado aos educandos.

A concepção problematizadora é profética e esperançosa. Pois nela, os homens submetidos à dominação, devem lutar pela sua libertação. A educação problematizadora já não são meros depósitos, mas investigadores críticos, dialogando com o educador, também investigador crítico. E o papel do educador-problematizador é proporcionar junto com os educandos, "as condições em que se dê a superação do conhecimento ao nível do "doxa" pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá no nível do "logos". (27)

O aluno ao ser problematizado, é desafiado; ao ser desafiado, mais obrigação tem de responder aos desafios que lhe são apresentados. O aluno desenvolve seu poder de captação e de compreensão do mundo, visto como uma realidade em transformação. Esse tipo de educação se faz num processo permanente. Os homens se percebem critica

mente, que estão no mundo onde se acham. Se encontra comprometido com a libertação, com a desmitificação. Servindo à libertação, funda-se na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras dos homens sobre a realidade, respondendo a sua vocação como ser que não se autentifica fora da busca e da transformação criadora. Parte do caráter da historicidade e histórico dos homens. O homem é reconhecido como ser que está sendo, um ser que é inacabado. Assim a educação se refaz sempre na praxis - "para ser tem que estar sendo". (28)

A educação se coloca, para os comprometidos com a libertação, nos homens, como "corpos conscientes" e nesta consciência, como consciência que está voltada, intencionada ao mundo. Coloca os homens frente a problematização dos homens relacionados com o mundo e nunca pode ser uma educação como um depósito de conteúdos. A educação problematizadora, responde à essência do ser da consciência e esta é a intencionalidade. Assim educação libertadora, problematizadora já não é um mero ato de narrar, depositar conhecimentos, transferir ou transmitir conhecimentos como uma "educação bancária", mas como um ato de conhecimento ou um ato cognoscente. Para tal, como consequência, sofre a inevitável superação da contradição educador-educando, o que é necessário.

A Educação Problematizadora funda-se na criatividade e estimula uma ação e uma reflexão autênticas e a respeito da realidade, realizando assim, a vocação do homem que só é um ser autêntico, quando comprometido na busca e transforção criadoras. Tal tipo de educação não serve e nem poderia servir aos interesses do opressor. Só pode ser praticado por uma Sociedade Revolucionária, sistematicamente, e por serem revolucionários devem ser homens de diálogo.

O saber só existe enquanto é na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente; continua que os homens realizam no mundo, com o mundo e com os outros homens. E nunca que é uma educação que é um mero depositar de conhecimentos, encher algo que no aluno está vazio. O saber não é uma mera doação aos alunos que no fundo traduz uma visão de opressão, como um ato de transferir conhecimentos, transmitir, meramente.

A problematização dá-se no campo da comunicação em torno de situações reais, concretas, existenciais.

2.3.2. A Mútuo-Libertação: Educador-Educando.

Educador é aquele, que não apenas educa, mas ao educar, é educado; é educado dialogando com o educando e este ao ser educado também se educa. Ninguém educa; ninguém se educa si mesmo. "Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo". (29)

"Na verdade, só na unidade dialética entre ensinar e aprender é que a afirmação "quem sabe ensina a quem não sabe" ganha sentido revolucionário. Quer dizer, quando quem sabe, sabe, primeiro que o processo em que algo aprendeu é social; segundo, quando sabe que, ao ensinar o que sabe a quem não sabe, sabe também que dele ou dela pode aprender algo que não sabia". (30)

Mesmo a ação do educador frente ao educando no sentido de ter uma atitude crítica em face ao objeto, deve ser sempre no sentido de manter a comunhão com aqueles que estão dispostos a aprender com Ele. Educador que deve sempre inventar e reinventar os meios, os caminhos com os quais comunga o saber com os educandos.

Ambos, Educador-educando e Educando-educador, são processo educativo-libertador sujeitos cognoscentes diante a objetos cognoscíveis, os quais os mediatizam.

"... educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem, por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais, em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, passam igualmente a saber mais". (31)

A liberdade não é uma doação de opressor a oprimido, mas é uma conquista em que todos, opressor e oprimidos, em comunhão, se libertam e travam, enfim, o diálogo. E esta superação, opressor-oprimido, é uma necessidade gritante. Tal atitude implica no reconhecimento crítico desta situação, pois por uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaura outra situação em que, o que se faz é buscar ser mais e a libertação na comunhão. E esta libertação "é parto". É um parto doloroso. O homem que consegue, em comunhão, libertar-se é um homem novo. Isto só é possível fora da contradição opressor-oprimido. É a libertação de todos. Porém é necessário que todos se lancem na praxis libertadora.

No entanto, para todos há uma exigência radical: tanto para o opressor como para o oprimido. Estes últimos vendo-se na opres-

são ou oprimidos e como contradição do opressor, mostram esse mundo o pressor e vêem os mitos, pelos quais são alimentados, e para ambos a e xigência é: transformação da realidade, da situação concreta que gera a opressão. E o autor conclui dizendo que: "ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão". (32)

2.3.3. Pedagogia: uma leitura da realidade quotidiana.

"... la vocación del hombre es la de ser sujeto y no objeto".
(33) Mas para que o homem assuma a sua vocação, são necessárias as condições onde vive: um lugar, um momento e um contexto.

A educação deve levar o homem a discussão corajosa de sua problemática. Sua inserção nesta mesma problemática. Que possa adverti-lo dos perigos do seu tempo a fim de que, conscientizado deles, tenha força e coragem para enfrentá-los, para lutar. A educação não deve ser uma submissão a prescrições alheias ao educando. Mas que o Diálogo com o outro fosse a tônica, junto com a análise crítica daquilo que vai descobrindo, inserido no seu contexto concreto.

O mundo para o homem é uma realidade objetiva, independente de le, possível de ser conhecida. É básico partir do fato de que o homem é um ser de relações e não só de contatos, não só está no mundo, mas com o mundo. E este estar no mundo é resultado de sua abertura à realidade que o torna o ente de relações, que é por natureza.

Diante disso tudo, o homem escolhe: há uma pluralidade na própria singularidade. Estabelece-se, aqui, a criticidade. Por isso mesmo é que há reflexão. Só ele é capaz de transcender essa realidade. Portanto: "existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele." (34)

O homem não é compreendido fora de suas relações com o mundo. Por ser um "ser em situação", é um ser do trabalho e da transformação do mundo. Ele é um ser da "praxis", isto é, da reflexão e da ação. Em suas relações com o mundo, na ação sobre ele, se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação.

Ser "ad-mirador" do mundo é a posição normal do homem no mundo, como um ser da ação e da reflexão. É um ser de atividade capaz de refletir sobre si e sobre a própria atividade que dele se desliga. É capaz de "afastar-se" do mundo para ficar nele e com ele. Só o homem consegue fazer tal separação, da qual resulta sua inserção crítica nesta mesma realidade.

"Ad-mirar" a realidade é objetivá-la, apreendê-la como campo de sua ação e reflexão. É penetrá-la, cada vez mais lucidamente, para encontrar as inter-relações verdadeiras dos fatos percebidos.

É nestas relações que o homem faz a superação de um conhecimento preponderadamente sensível por um conhecimento, que ao partir do próprio conhecimento sensível, alcance a razão da realidade. E

alguém se aproximando sempre mais da "razão", do "logos" da realidade, objetiva e desafiadora, sempre mais se introduz nela e alcança o seu desvelamento. Assim é que a substituição de um conhecimento sensível, pelo de razão, é um problema antropológico, epistemológico e também estrutural.

Há que se fazer uma inserção na realidade, um assumir, um tomar como sua, a realidade presente, concreta, que já era sua, mas que não o sabia que ele era homem de história ou homem de fazer história, justamente nesta realidade concreta onde ele se encontra. "... a dinâmica da luta exige a prática da democracia, da crítica e da auto-crítica, a crescente participação das populações na gestão de sua própria vida, a alfabetização, a criação de escolas e serviços sanitários, a formação de quadros extraídos dos meios camponeses e operários e outras tantas realizações que implicam em grande aceleração do processo cultural da sociedade". (35)

Este comentário feito pelo grande revolucionário africano (Amílcar Cabral) diz muito sobre o assumir, o trabalho a partir dos dados, daquilo que se tem e não de outros modos, de outra cultura, que não seja a que onde o homem vive e atua.

Quanto ao ensino engajado, Paulo Freire, afirma: "...Não se trata, pois, de um ensino que se dá numa escola, mas de uma educação real, cujo conteúdo se acha em dialética relação com as necessidades do país. O ato de conhecimento posto em prática por uma tal educação se dá na unidade da prática e da teoria, por isso mesmo não pode prescindir, cada vez mais, de ter no trabalho dos educandos e dos educadores, sua parte". (36)

2.4. Ação Cultural e Conscientização.

É importante que o alfabetizando se engaje num ato de conhecimento que vá se aprofundando e se diversificando por causa de sua atividade produtiva. Numa linha de educação libertadora, a dicotomização entre prática e teoria, não é possível. A mudança do procedimento técnico sem repercussão em outra dimensão da existência humana, é impossível. Por isso, qualquer que seja o seu campo, uma educação neutra é inviável e assim em todos os demais campos da ação.

"Numa concepção não mecanicista, o novo nasce do velho através da transformação criadora que se verifica entre a tecnologia avançada e as técnicas empíricas dos camponeses". (37)

Para tal é importante a Reforma Agrária, por exemplo. Deve unir, além da ação unilateral no domínio das técnicas de produção, comercialização, deve realizar o esforço da transformação cultural, intencional, sistematizada, programada. E nisso tudo há uma realidade a qual é muito importante: o homem. Este, além de ser o que é, é o que foi e por causa disto é que está sendo, o que é próprio da natureza humana. Assim a natureza humana é um processo que se dá no tempo mesmo dos homens enquanto a vida do animal e do vegetal se dá num tempo que não lhes é próprio, não lhes pertence, pois falta-lhes a consciência reflexiva de seu estar no mundo. Portanto, só há consciência histórica se nos referimos aos homens.

Para uma análise, até certo ponto sistemática, da consciência, o ponto de partida deve ser uma compreensão crítica dos seres humanos como existentes "no mundo e com o mundo". E estão no mundo e com o mundo como seres conscientes. Só como seres "abertos" realizam a operação simultânea de transformar o mundo pela sua ação, captando a realidade e expressando-a pela sua linguagem criadora. Assim, "existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se." (38)

O homem consegue refletir sobre sua obra, sua vida.

O homem pode atuar sobre a realidade e saber que atua.

Os seres humanos, por serem capazes de ter finalidade, são capazes de prever o resultado de uma ação, antes mesmo de ser iniciada. Os animais adaptam-se ao mundo e vivem; o homem o transforma segundo as finalidades que cada um se propõe. Os homens são seres da praxis. Transformar o mundo é enchê-lo de sua presença criadora, marcando-o com o seu trabalho. E é assim que o homem pode e faz, se o quiser. Por isso é que a criticidade e as finalidades em que os homens travam com o mundo, requer que estas relações se dêem num esforço, não só fí

sico, mas histórico e cultural. Mas existem os lados da constatação triste, conforme o autor em estudo afirma; mas há uma saída: "Apesar da evidência, talvez não seja demasiado afirmar que a constatação a que estamos sujeitos a nos deparar, que é a cultura do silêncio, implica no reconhecimento da cultura dominante e que ambas, ao não se gerarem a si próprias, se constituem nas estruturas de dominação. A Cultura do Silêncio, tanto quanto dominadores e dominados, se encontra em relação dialética e não de Oposição simétrica com a cultu dominante". (39)

O homem conscientizado de sua "ação cultural" pela alfabetização, inicia os primeiros movimentos de emersão e tende a libertar-se de uma situação de escravo, até o momento ignorada. No entanto, para se conseguir isso é necessário saber que: "Não há consciêntização popular sem uma radical denúncia das estruturas de dominação e sem o anúncio de uma nova realidade a ser criada em função dos interesses das classes sociais hoje dominadas". (40) Com isso uma nova realidade pode ser anunciada também para os dominados, o que também deve ser levado em conta, pois é todo o homem que deve ser liberto. Talvez o que mais precise de libertação seja o dominador. Por isso os dominados hão que se precaver que o seu pensamento e a ação quase sempre são conforme o desejo dos massificadores. Quase tudo lhe pré-fabricado. Nada nã que os problematize. E os "intelectuais" deixam-se pensar pela "máquina". Agem conforme a técnica e poucas vezes conforme a consciência e muito menos conforme o coração. Por isso massificam a pequenos.

Assim a Ação Cultural para a Libertação realiza-se opondo-se, principalmente às classes dominantes.

Os limites que a ação cultural encontra para a ação e para a libertação, especialmente, estão na realidade opressora mesmo e como tal, no silêncio que os oprimidos são submetidos. Deste modo, Ação Cultural-Conscietização é um esforço para negar a cultura dominante.

Assim também a mentalidade democrática só é conseguida a través da educação. A democratização da cultura nunca deve ser uma doação ao povo, mas deve ser feita nas bases populares e com elas, a fim de realizar algo sério e autêntico para elas.

2.5. Conscientização, Libertação, Comunhão.

"La concientización es esto: tomar posesión de la realidad; por esta razón, y a causa de la radicación utópica que la informa, es un desgarramiento de la realidad. La concientización produce la desmitologización". (41)

A conscientização é mais que uma tomada de consciência. É superar a falsa conscientização, desmitologização. É necessário haver de núncia das estruturas injustas para que haja conscientização. Para tanto faz-se necessária a luta de libertação. Luta de libertação que é a expressão mais complexa do vigor cultural do povo, de sua identidade e de sua dignidade. É fator de enriquecimento da cultura e lhe abre novas perspectivas de desenvolvimento. Com ela as manifesta-
ções culturais adquirem um conteúdo novo e novas formas de expres-são. É o grande instrumento de informação e formação política. No entanto, tudo isso depende de uma permanente atitude crítica, como único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se. É importante que se ajude o homem, mas, que seje ajudado a fim de que se ajude.

"A consciência crítica "é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações cir-cunstanciais". (42) Tal atitude leva o homem a se conscientizar, uma vez que a unidade dialética ação-reflexão, prática-teoria, não há praxis autêntica. Por causa disto é que tem razão o autor quando a-firma: "O esforço de conscientização, que se identifica com a pró-pria ação cultural para a libertação, é o processo pelo qual, na relação sujeito-objeto, o sujeito se torna capaz de perceber, em ter-mos críticos, a unidade dialética entre ele e o objeto. Por isso mesmo, repitamos, não há conscientização fora da praxis, fora da u-nidade teórica-prática, ação-reflexão". (43)

O oprimido, no primeiro momento de sua libertação, tende a ficar identificando-se com os opressores. Após vários momentos de sua libertação, têm que se reconhecerem como pessoas, como homens. Mas continua sendo um desafio a Libertação, Conscientização, e em espe-cial, Comunhão, mas de forma contrária a opressores e a oprimidos. Os oprimidos precisam concretizar aquilo que ainda não tiveram, mas que sempre poderiam ter tido e agora podem ter. Para os opressores, devem evitar as limitações que impõe aos oprimidos. E o caminho pe-lo qual os homens se encontram, é o diálogo. Por ele se abre um processo de descurtinamento de pontos obscuros de consciência, o processo de conscientização da realidade de si mesmo, do seu mundo e de suas relações com o mundo.

Assim a Educação Libertadora é a Educação que concretamente questiona a realidade das relações dos indivíduos com os outros e o mundo que os envolve. E onde se constata uma situação de opressão, que tira a liberdade concreta de ser mais, e de dizer do desejo de ser mais, provoca uma reação contrária à situação.

Mas não há conscientização ou libertação, se não forem procurados na comunhão com o mundo e com os outros, por meio do processo dialógico. "Ninguém se salva sozinho". Este dito mostra-nos como ninguém se liberta ou se conscientiza sozinho. Porque libertar-se é salvar-se e vice-versa. A Comunhão é a chance que o homem tem de se libertar libertando, libertar-libertando-se.

Para Paulo Freire a vocação de homem é o encontro, a comunhão. Ele pode ser menos, mas isso é desvio.

Paulo Freire diz que "a transformação da realidade se dá pela transformação da consciência". (44) Isso porque a consciência é sempre consciência de algo, ao qual ela se intenciona. Para desenvolver essa consciência é indispensável o conhecimento da realidade em sua "dialecticidade". É o caso do estudo. Estudar é uma maneira de reinventar, de recriar, reescrever, tarefa de sujeito e nunca de objeto. O ato de estudar, no fundo, é uma posição em frente ao mundo.

Conscientizar-se é sempre "...a época do trânsito; o tempo anunciador". (45) Assim é a solução para o marginalizado, para o oprimido: transformar a realidade em que vive, por poder se fazer "ser para si" e não integrar-se e intregar-se a uma estrutura existente como opressora.

A Educação, enquanto prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade.

O homem se conscientiza de um contexto em que vive. O direito e o dever de fazer história é o que deixa-o comprometido com essa mesma realidade onde ele se encontra. Essa realidade já é vista sob o olhar de uma crítica. Crítica no sentido de saber, de sentir o que faz, o que vive, o que diz.

III. IMPLICAÇÕES ANTROPOLÓGICAS DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

3.1. Traços Básicos da Pedagogia de Paulo Freire.

Paulo Freire assumiu compromisso com a vida, com sua existência. Essa existência ele a concretizou com sua Pedagogia. Por isso mesmo ele é também educador: "existencia seu pensamento numa pedagogia em que o esforço totalizador da "praxis" humana busca, na interioridade desta, retotalizar-se como "prática da liberdade". (46)

Certamente, o despertar de Paulo Freire e sua consequente rejeição à Pedagogia tradicional presente em nosso meio, nasceu da consciência de que ela é uma pedagogia das classes dominantes. Por sua vez, por ser de opressão, não pode servir à libertação do oprimido. E nesta sociedade, uma "educação como prática da liberdade" (47), requer uma "pedagogia do oprimido". É "do" oprimido e não "para" o oprimido. Este necessita libertar-se; alguém que precisa autoconscientizar-se. É por que a Educação Libertadora requer uma consciência crítica, que não se compatibiliza com uma prática de dominação. Pois o oprimido há que, reflexivamente, descobrir e conquistar-se como sujeito da história que lhe é própria. Em si, basicamente, a Pedagogia de Paulo Freire é conscientização. Trata-se, basicamente, de alfabetizar, não como uma técnica de usar palavras, mas como um caminho através do qual, a consciência se abre para o mundo e ao falar, profere a sua palavra.

O ponto de partida de seu método, é a busca de palavras-chave, marcadas com forte conteúdo fonético. Tais palavras sempre são tiradas da experiência vivida pelo alfabetizando. Daquilo que no dia a dia o educando vive, mas que antes da alfabetização pouco ou nada percebe, como presença que algo signifique. Com a alfabetização, ele as retoma, criticamente, para tomar ciência de seu próprio mundo ante o qual, se decobre como alguém que é pessoa e deve ser sujeito.

Inicialmente é feita breve pesquisa onde se investiga o universo das palavras faladas, no ambiente em que se encontra o alfabetizando do qual são extraídas as palavras de possibilidades mais ricas,

fenomenicamente, e mesmo de maior carga semântica. Isso leva o aluno a um rápido entrosamento com o universo da palavra escrita, bem como o melhor engajamento possível de quem a pronuncia, "com a força pragmática, que instaura e transforma o mundo humano". (48) Estas são as chamadas palavras geradoras porque, combinados os seus elementos básicos, abrem a chance para a formação de outras palavras. Estas palavras, por serem do universo vocabular do alfabetizando, constituem-se conforme o comportamento do Educando, configurando situações existenciais. Tais situações são representadas em quadros, slides, filminas, etc. O alfabetizando observa sua própria situação existencial. Tem início a descodificação, que é uma análise e uma reconstituição da situação que ele já viveu. A consciência começa a escutar os apelos que a convocam sempre mais além de seus limites - torna-se crítica.

Objetivando o mundo, o alfabetizando, se encontra com os outros e nos outros encontra companheiros, participantes de seu pequeno "círculo de cultura". Todos encontram-se na mesma situação, com as mesmas intenções, surgindo assim a comunicação, o diálogo. Juntos, na Comunhão, recriam, criticamente, o mesmo mundo até agora vivido. O que eles aprendem não lhes é ensinado, mas juntos, aprendem. O professor, deixa de sê-lo à maneira formal; propriamente não há professor, mas um coordenador. O coordenador só responde às solicitações pedidas pelos educandos. Propicia condições que favoreçam a dinâmica de grupo e interfere o mínimo, diretamente, no diálogo do círculo.

Codificação e descodificação permitem uma integração das palavras geradoras com suas intenções e situações existenciais, respectivas. Conscientiza o alfabetizando com a palavra relacionada, concretamente, com a situação existencial.

Partindo daí novas palavras são formadas pela combinação de fonemas derivados de palavras geradoras. Com a construção de suas próprias palavras, o alfabetizando sente que o homem é sujeito, e ele próprio o é.

Pelo método de Paulo Freire não se aprende a repetir palavras, mas coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar, criticamente, as palavras do mundo que lhe é próprio, para que no momento oportuno, poder saber e poder dizer a sua palavra. É com a sua palavra e no ato de poder dizê-la, que o alfabetizando constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui; "instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o". (49)

É na palavra que o homem se torna homem, pois assume conscientemente a sua condição humana. E Paulo Freire, com seu método procura dar vida a isto. É o modo de expressão de tudo aquilo que o homem sente. Foi o caso de um mulher simples do povo, num círculo de cultura, diante de uma situação mostrada num quadro; "Gosto de discutir sobre isto porque vivo assim. Enquanto vivo, porém, não vejo. Agora sim, observo como vivo". (50)

Conscientizando-se, o homem pode distanciar-se das coisas para poder ficar mais perto delas. É pela consciência crítica que o horizonte do homem não se restringe ao que o circunda. Ultrapassa os próprios objetos. Tal alcance tem a consciência, quando esta se torna reflexiva e, por isso, pode chegar a objetivação do objeto.

"Distanciando-se do seu mundo vivido, problematizando-o, "descodificando-o" criticamente, no mesmo movimento da consciência, o homem se re-descobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência". (51)

Consciência de si mesmo e do mundo crescem juntas. Paulo Freire, pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de redescobrir-se através da retomada, reflexiva, no próprio processo em que ele vai se descobrindo, manifestando e configurando - "método de conscientização". (52)

Mas essa conscientização se faz com os outros, com o mundo. O lugar de encontro necessário da consciência, é o mundo. Por isso é que se diz que as consciências são comunicantes, pois se comunicam, não são vazias, mas consciência de. Assim aqueles que dialogam admiram o mesmo mundo. O Diálogo, torna-se, assim, o constitutivo da consciência.

"O Círculo de Cultura - no método de Paulo Freire - re-vive em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, re-elaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que o fazem, não são as que o dominam. Destinado a liberá-los como sujeitos, escraviza-os como objetos". (53)

Nesta retomada de consciência, ou nesta restituição, a consciência abre-se à "prática da liberdade". O método de Paulo Freire retoma, criticamente, o processo dialético de historização. Não é método de

ensino, mas um método de aprendizagem. O homem não cria suas chances de ser livre, mas vive esta possibilidade, agora na prática. "Im^{po}õe-se pensar e viver a educação como prática da liberdade"; (54), é a participação da antropologia, nuclearmente assumida na praxis pedagógica. Assim o método de alfabetização de Paulo Freire, é um método de conscientização. A cultura surge no momento em que, a cultura, como reflexão de si mesma, consegue dizer-se a si mesma, de maneira definida, clara e permanente. O homem é levado a fazer sua história. "Alfabetizar-se é aprender a ler essa palavra escrita em que a cultura se diz e, dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou, para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é anúncio e promessa do que há de vir. O destino, criticamente, recupera-se como projeto". (55)

Alfabetizar-se não é repetir palavras, mas aprender a dizer a sua palavra e isto é a essência da pedagogia e antropologia. O homem diz as coisas, assim transformando-as; não há, em si, pensamento, mas "praxis". E nesse expressar-se e expressar o mundo é que acontece a comunicação. Por isso a palavra é a origem da comunicação e torna-se essencialmente diálogo. A palavra, além de ser diálogo e o encontro das consciências, essencialmente, é encontro e reconhecimento daquilo que, aquele que diz essa palavra, é. E o homem se humaniza justamente dizendo essa sua palavra: humaniza-se e humaniza o mundo onde vive. Assim faz a história e a cultura. Assim é que surge a problematização: o homem, ao dizer a sua palavra, vê, diante de si mesmo, o mundo tal qual é, desafiando-o e provocando-o.

Do método de Paulo Freire, os alfabetizandos partem de poucas palavras e geram, daí, seu universo vocabular. Conscientizam-se e conscientizam o mundo e, nele, o seu poder criador, das suas consciências, as quais geram o mundo.

Significações traduzidas em comportamentos de si próprios. A alfabetização "é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura a novos caminhos, o projeto histórico de um mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra". (56)

Alfabetização é pedagogia, isto é, o alfabetizando aprende a ler e por isso aprende a dizer a sua palavra. Esta palavra torna-se criadora, justamente porque a palavra humana, que se assume em sua verdadeira condição, como palavra histórica, imita a palavra divina. A palavra sempre diz e transforma o mundo. A palavra é palavra e ação. Essa palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. No diálogo autêntico há o reco

nhecimento de si, no outro - é sempre uma decisão e um desafio por um compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Porque o homem só se humaniza humanizando o mundo. Juntos os homens fazem do mundo a mediação de consciências, que se fazem em liberdade. Juntos assumem a reponsabilidade da transformação do mundo. Cada um, com o outro, assume a função de sujeito de sua história.

"O método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política". (57) Não é só a educação que decide os rumos da história, mas há que haver coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira, conscientiza as contradições do mundo humano as quais impelem o homem a ir adiante. "Um método pedagógico de conscientização alcança as últimas fronteiras do humano". (58)

Mas como o homem sempre excede, é o método que o acompanha. Aqui o método não forja o humano, mas o método está a serviço da humanização que se dá em processo.

Infelizmente há um monopólio da palavra por parte daqueles que querem dominar, explorar, manipular. Mas isso é motivo para que os oprimidos lutem para tomá-la, para também poder dizê-la.

Assim a Pedagogia de Paulo Freire tem como fim primeiro, a libertação por meio de um processo de conscientização. Seu método visa em especial um trabalho de alfabetização de adultos, onde os alfabetizando participam. Tem no diálogo a grande chance para que essa libertação aconteça na Comunhão. Assim a libertação torna-se mútuo-libertação.

O homem se educa na medida em que se conscientiza. Esta educação é para ser com o outro. Para poder, com o outro, transformar o mundo em que se encontra. É na praxis, reflexão-ação, que se estabelece uma Educação engajada com a realidade do educando e não alienada.

O método pedagógico de Paulo Freire é um modo de fazer com que o outro se conscientize de que a opressão é o que o deixa à margem da participação na construção de sua própria história, como sujeito. Faz o homem ser homem ao mostrar-lhe a necessidade de que ele cumpra com a vocação à qual foi destinado, ou seja, a de ser homem. Faz o homem participante ativo na transformação do mundo. Leva o sujeito a uma retomada de ação por meio de uma conscientização.

Partindo da realidade em que se encontra, o método de Paulo Freire leva o educando a assumir sua existência como um construir de uma história, que deve ser construída. Uma existência ou realidade, que deve ser modificada, transformada, em favor, também, daqueles que exercem a opressão.

Sua Pedagogia está voltada para a conscientização, para a alfabetização e, conseqüentemente, para a libertação daquele que sofre, o mais humilde, o oprimido. É um trabalho com esse tipo de homem, porque é nele que o autor vê chances, vê caminhos para uma transformação do mundo no sentido de humanizá-lo e não tecnicizá-lo. O processo, é necessário a partir do momento em que é posto a serviço daqueles que mais necessitam. É do oprimido que a esperança de um mundo mais humano, está depositada. É com esta esperança e com muita fé na capacidade transformadora que o homem que sofre revela, que Paulo Freire faz sua Pedagogia. Uma pedagogia que pelas razões apresentadas é intitulada de "Pedagogia do Oprimido". Mas é um caminho percorrido na dialogicidade.

O diálogo é o modo como que, fundamentalmente, a Pedagogia de Paulo Freire é conduzida. O educador se faz educando a partir do momento em que sabe que ainda tem muito para aprender e que está aberto a aprender com o educando, também. O educando, por sua vez, é educador para o educador, enquanto o próprio educador se dispõe a aprender com esse mesmo educando. Assim, educador-educando, educando-educador, educam-se em comunhão e por isso mesmo, no DIÁLOGO.

Ainda mais, a Pedagogia de Paulo Freire, ao conscientizar o homem simples, oprimido vê a chance, que por este mesmo homem imerso na opressão, a partir da emergência que sofre com a alfabetização, a libertação chegue ao opressor. É com o testemunho de um homem que sofre, que aquele que faz este homem sofrer pode chegar à libertação de si mesmo e, especialmente, da situação de opressão em que está. Opressão contra seus semelhantes. Semelhantes que sofrem por causa de uma situação em que nem mesmo os próprios opressores estão cientes da situação em que se encontram.

Uma nova possibilidade de encontro, se abre por aqui. Esta realidade pedagógica, marcada pelo diálogo, tem em suas experiências o momento, a chance, o caminho do encontro. Abre a possibilidade de uma libertação que se faz Comunhão. Esta Comunhão torna-se possível, porque todo e qualquer ato pedagógico,

conscietizador, libertador, baseia-se e funda-se no ato de amor. A mor que é traduzido na posição de crença, também, no homem que sofre, que é oprimido; na atitude de humildade, no reconhecimento que ninguém sabe tudo, mas que ninguém pode dizer: " não sei nada"; uma posição de esperança a qual é depositada nas possibilidades que possui o homem, mesmo que inconsciente de suas chances.

3.2. Que Homem a Pedagogia de Paulo Freire revela?

3.2.1. O homem como dialogicidade.

O homem é diálogo. Mas para que este possa se concretizar é necessário que as palavras que o sustentam não sejam ôcas. Que se realizem na autenticidade. E que, conforme deve ser numa democracia, que ninguém seja excluído ou posto à margem de qualquer contexto ou situação. Além do mais, para que o homem seja o centro do diálogo, o qual é concretizado numa "educação como prática da liberdade", devem existir as condições econômicas, sociais e políticas que condigam a uma existência em liberdade. Por isso e porque não há renovação pedagógica sem uma renovação da sociedade global, as exigências pedagógicas de Paulo Freire, levaram o mesmo autor a uma posição política. E não foi o contrário, conforme ele mesmo se defende. Mas a causa de sua acusação foi causa política, e chegar a uma Pedagogia Revolucionista. E nisto o autor se encontrou na forma de radicalização e atitude crítica; assumir. "A radicalização, que implica no enraizamento que o homem faz. Na opção que fez, é positiva, porque propenderamente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo e depoder dizer a sua palavra. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendem impor silêncio. Dos que, em nome da liberdade, matam, em si e nele, a própria liberdade". (59)

O homem só é homem quando, ao engajar-se na ação transformadora da realidade, faz sua opção e decide. Porém para o verdadeiro humanismo só há um caminho: a dialogicidade. Assim como era citado acima, este tema será a grande ênfase desta parte de nosso trabalho, porque só por meio deste caminho é que o homem consegue ser autêntico. Ser dialógico é vivenciar o diálogo. É não manipular, não invadir. É comprometer-se na transformação do mundo, da realidade. Não há diálogo, quando houver uma posição antagônica "O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o "pronunciam", isto é, o transformam, e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos". (60)

Se os homens oprimidos nem sempre aceitam o diálogo é porque o anterior, as experiências negativas tiraram-lhe a confiança naquilo que podem ser, fazer ou dizer. E também porque estão em estruturas

rígidas, verticais, onde o diálogo é impossível. Nunca tiveram experiência de participação, de poder dizer a sua palavra.

Além do mais, o que o diálogo visa é problematizar o próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta, existencial, onde o próprio conhecimento se gera e incide, a fim de melhor compreender a realidade, explicá-la, transformá-la. Problematizar para exercitar um pensar crítico. Na educação dialógica, o papel do professor é importante, pois ao dialogar com os alunos, chama a atenção destes para um ponto ou outro menos claro, mais ingênuo, problematizando-os sempre. O diálogo e a problematização consciencializam a ambos: educador-educando e educando-educador. Desenvolvem uma posição crítica, resultando a percepção de que todo o conjunto de saber se encontra em interação. Um saber refletindo o mundo e os homens, por isso é que é dialógico.

No contexto da Reforma Agrária, Paulo Freire mostra o que faz fundamental do agrônomo: "mais do que um técnico frio e distante, um educador que se compromete e se insere com os camponeses na transformação, como sujeito, com outros sujeitos." (61)

Por isso mesmo também aqui, nesta situação de programa rural, o diálogo é indispensável, pois um educador comprometido e inserido no contexto dos camponeses, só tem uma saída: o DIÁLOGO.

Com respeito a atuação do homem o autor afirma que "... o homem, como um ser de relações, desafiado pela natureza, a transforma com seu trabalho e que o resultado desta transformação, que se separa do homem, constitui seu mundo. O mundo da cultura que se prolonga no mundo da história". (62)

O diálogo exige uma co-participação dos sujeitos no ato de pensar e isto se dá na Comunicação. Esta é sempre reciprocidade que não pode ser cumprida. Comunicação é comunicar, comunicando-se. Ela é diálogo e este é comunicativo. Assim "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos inter-locutores que buscam a significação dos significados". (63)

É em suas relações dialéticas e dialógicas, com a realidade e com os homens, respectivamente, que se pode discutir a educação como um processo de contante libertação do homem. Além do mais, o homem-dialógico é na história que, engajado e comprometido, constrói. A história é um tempo de acontecimentos humanos e é feita pelos homens e nela eles vão se fazendo.

Falando diretamente quem é o homem, diz Paulo Freire: "una de las características del hombre es que solamente el, es hombre. Solo el es capaz de tomar distancia frente al mundo. El hombre, solamente puede alejarse del objeto para admirarlo. Objetivamente o admirando (...) los hombres son capaces de obrar concientemente sobre la realidad objetiva. Es precisamente isto, la "praxis humana", la unidad indisoluble entre mi acción y mi reflexión sobre el mundo." (64)

Continuando o tema do diálogo afirma o autor: "el dialogo es el encuentro entre los nombres, mediatizados por el mundo, para nombrar al mundo (...) el dialogo se impone como el camino por el cual los hombres encuentran su significación en cuanto hombres; el dialogo es pues, una necesidad existencial". (65)

Por sua vez, a reflexão e a ação, são inseparáveis dos que dialogam e por isso o diálogo não pode ser um depositar idéias nos outros, nem um simples intercâmbio de idéias, nem uma discussão a qual venha a ser hostil ou polêmica. Mas "el diálogo no puede existir sin un amor profundo por el mundo y por les hombres. Nombrar al mundo, que es un acto de creación y de re-creación, no es posible sin estar empregnado de amor. El amor es al mismo tiempo el fundamento del Diálogo y el Diálogo mismo... el amor es compromiso hacia los demás hombres". (66)

Ao homem que lhe falta humildade não dialoga.

Para crer no diálogo é preciso ter uma grande fé no homem: no seu poder de fazer algo e refazer, de criar e recriar na sua vocação de poder ser mais humano.

Há que se entender que o homem de diálogo é um homem crítico. além do mais, não há diálogo sem esperança que também está fundamentada numa visão crítica. É necessária a esperança porque o homem é incompleto e que busca completar-se em comunhão com os demais homens.

O homem de diálogo "não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar". (67)

O homem é sempre aquele ser que procura libertar-se e mais, procura libertar. Quem teme a grande chance da libertação são os oprimidos. Isto porque os opressores enquanto opressores ou com todo

o poder nas mãos, não se libertam e nem libertam a outros. Isso por que os oprimidos violentam e não deixam que os outros sejam e assim nem eles (os opressores), são aquilo que deveriam ser. Por sua vez os oprimidos, ao se libertarem, lutam para conseguir serem nomen-
s de diálogo, tiram dos opressores a chance de oprimirem, de serem antidialógicos e assim restauram-lhes o sentido humano, que na opressão não tinham, tanto opressores, como oprimidos.

Quanto ao aspecto educacional afirma o autor com sabedoria: "Já temos afirmado que a educação reflete a estrutura do Poder, daí a dificuldade que tem um educador dialógico de atuar corretamente numa estrutura que nega o diálogo. Algo fundamental, porém, pode ser feito: dialogar sobre a negação do próprio diálogo." (68) É o homem que priva o outro homem de seu direito fundamental: de ser ele mesmo. Tiram-lhe a grande chance de cumprir com sua missão ou com sua vocação a qual é chamado, ou seja, de ser ele mesmo, de partilhar com os outros aquilo que ele é, que sente, que faz ou que não faz. Isso porque sem comunicação o homem não é. Um pensar, um saber só pode ser dado na e pela comunicação, em torno da realidade em que o educando, o sujeito se encontra. Por isso, essa educação afirma a dialogicidade e se faz dialógica. Ela rompe com esquemas de uma educação que unicamente "deposita" e ela não se realiza como prática da liberdade sem superar esta contradição: educador-educando. Essa educação como prática da liberdade requer a negação do nome abstrato, isolado, solto, desligado do mundo. Ela faz a reflexão sobre o homem relacionado com o mundo.

O homem tanto na Educação como em qualquer outra situação se situa com a palavra a qual se torna diálogo ou vice-versa, se situa no diálogo que é a palavra. Assim é que o diálogo vai de encontro a duas dimensões: ação e reflexão. E só há palavra verdadeira na praxis ou quando há praxis. Palavra $\begin{matrix} \text{ação} \\ \text{reflexão} \end{matrix}$ = PRAXIS

"O diálogo é este encontro dos nomen-
s, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu" (69) E quando o homem pronuncia o mundo, o diálogo é caminho no qual o homem se torna ou ganha significação como homem. "Por isso, o diálogo é uma exigência existencial". (70) É o encontro onde há uma solidarização entre o agir e o repetir; por isso não é um depositar idéias no outro, nem simples troca de idéias. É encontro de homens que pronunciam o mundo. "É um ato de criação". (71) Só há diálogo se houver um profundo amor ao mundo e aos homens. E como fundamento do diálogo é o amor. O amor que também é diálogo. É assim que o amor se torna compromisso com os nomen-
s, com sua libertação e sendo amoroso, esse compromisso é diálogo. E o amor só é possível onde a situação

de opressão foi suprimida. Só há diálogo quando se ama a vida, o mundo, os homens. Mas o diálogo também não é possível sem a humildade.

"A existência porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar". (72)

Os homens se fazem e na palavra, no trabalho, na ação-reflexão e nunca no silêncio. E o poder dizer a palavra é um direito de todos os homens e não privilégio de alguns.

Não há diálogo, se, somente se vê ignorância nos outros. Auto-suficiência não anda com o diálogo e este não é sem imensa fé nos homens. O homem dialógico é crítico, acredita que pode fazer, criar, transformar. Tal atitude é própria do homem. Nas atitudes de alienação isso não é possível, são prejudicados. Por isso é que o diálogo funda-se no amor, na humanidade, na fé nos homens e torna-se algo horizontal e nele a confiança é fator indispensável. Nela, os homens dialogam e como dialógicos tornam-se sempre mais companheiros na pronúncia do mundo.

Falando na dicotomia da ação-reflexão o autor diz que "falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira" (73)

O homem se faz na esperança. Esperança enquanto é luta, e nesta luta, luta-se com esperança e se espera. Mas não é esperança como um cruzar os braços. E o Diálogo por ser o encontro dos homens para ser mais, não é feito na desesperança. Para o diálogo verdadeiro se faz necessário um pensar verdadeiro, pensar crítico. E só implicando num pensar crítico é que o diálogo é gerado. E se este diálogo não é gerado, não há comunicação e sem comunicação não há verdadeira educação e assim não há esperança.

"É na realidade mediatizadora, na consciênica que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de Unidade temática do povo ou o conjunto de seus temas geradores". (74)

"Os homens são porque estão em situação". (75) e mais o serão quanto mais, não só pensarem criticamente mas agir criticamente. "Esta re-

flexão sobre a situacionalidade é um pensar a própria condição de existir". (76) Um pensar crítico pelo qual os homens se acham, se descobrem homens em situação, isto é, enraizados em condições de tempo-espaciais. E o homem reflete sua intencionalidade. Reflete e se auto descobre e assim descobre o seu espaço e tempo e faz história.

Por sua vez o diálogo com as massas populares, é uma exigência radical para toda e qualquer revolução que pretenda ser autêntica. Há que apelar para o diálogo corajoso com as massas. Não pode negar, às massas, a capacidade de participação no poder. Acreditar na necessidade de diálogo com o homem, mas não ver viabilidade antes que este homem, em muitas situações oprimido, chegue ao poder, é negar toda a capacidade de serem homens tanto quanto o são aqueles que oprimem.

"O diálogo, como encontro dos homens para a "pronúncia do mundo" é uma condição fundamental para a sua real humanização". (77) E nesta humanização há uma ação livre quando o homem transforma o mundo e a si mesmo. A condição positiva para essa liberdade que todo o homem aspira, é despertar as possibilidades criadoras humanas. A luta do homem por essa sociedade livre só é possível quando o grau de liberdade individual for cada vez maior.

3.2.2. Características do homem anti-dialógico, frente ao homem dialógico.

a) Uma das características do homem antidialógico é a necessidade da conquista. Conquista do próprio oprimido. Sujeito conquistador (opressor); objeto conquistado (oprimido). Por sua vez a atitude concreta de opressão. O antidialógico na situação objetiva de opressão e pela conquista, mais oprime. O dialógico por sua vez, sendo os homens em constante libertação, se torna uma permanente da ação libertadora. O antidialógico necessita manter as massas alienadas. Aproxima-se do oprimido, não pela comunicação, mas por comunicados. E as desculpas são muitas, mas não válidas. Muitas são as saídas hipócritas para manter o chamado "status quo". Enquanto que diálogo continua sendo co-laboração.

b) Uma segunda atitude do homem antidialógico é dividir para manter a opressão. "Na medida em que as minorias, submetendo às maiorias o seu domínio, as oprimem; dividi-las e mantê-las divididas são condições indispensáveis à continuidade de seu poder". (78) Quando as massas se unem devem ser freiadas pelos opressores, para que não cheguem a lhe tirar o poder. Conceitos como união, organização e luta são tidos como perigosos pelos opressores. É uma visão focalista e não como uma totalidade. Os oprimidos, quando mais alienados, mais fácil é mantê-los divididos e alienados. Obstaculizam a emergência das consciências e a sua inserção crítica na realidade como totalidade. Pois "...somente na medida em que os homens criam o seu mundo, que é o mundo humano, e o criam com o seu trabalho transformador, se realizam". (79)

Mas para unir é preciso unir e não dividir. Unidos e organizados os homens, fazem de sua debilidade, uma força transformadora ; criam o mundo e o tornam mais humano.

c) Como 3º aspecto que caracteriza o homem antidialógico é a manipulação que exerce sobre as massas oprimidas. Conformam as massas a seus objetivos. Enquanto que para o homem dialógico é a organização criticamente consciente. Seu ponto de partida é a problematização e não um depositar... Problemática da própria realidade e da manipulação.

d) A quarta característica marcante no homem antidialógico é a Invasão Cultural, a qual também está a serviço da conquista. "Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a Invasão Cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão de mundo, enquanto lhes

freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão." (80)

Aos invasores interessa o que os invadidos pensam, para assim poderem amoldar mais e melhor, para melhor poder dominá-las. Por vezes os dominados ou os invasores, são invadidos ou dominados, por sua vez por outros ou pela estrutura de uma sociedade opressora. Tudo aquilo ou aqueles que não permitem o diálogo, forçam uma situação de distância social, isso porque o clima do diálogo é o das áreas abertas, próximas. É o sentido da participação na vida comum. O diálogo requer a responsabilidade social e política do homem. Infelizmente muitas situações negam a si e a outros essa ação dialógica e o que se vê, é a não-participação, de todos, na decisão de problemas comuns.

Um dos fortes exemplos de ação Antidialógica, citado frequentemente pelo autor foi no tempo da política de colonização, onde não havia experiência democrática ou experiência de diálogo. "Assim vivemos todo o nosso período de vida colonial. Pressionados sempre. Quase sempre proibidos de crescer. Proibidos de falar. A única voz, no silêncio a que éramos submetidos, que se poderia ouvir, era a do púlpito". (81) Era de lá que vinham as ordens, as manipulações, formando-se e vivendo-se o monólogo e não o diálogo.

3.2.3. O desvio antidialógico e a vocação para o diálogo.

O autor afirma que "...no diálogo, que é sempre comunicação, funda a colaboração" (82) e nele não há lugar para a conquista. Na colaboração, exigência da teoria dialógica da ação, os sujeitos dialógicos voltam-se sobre a realidade que os cerca e que os mediatiza, que após ser problematizada, os desafia. E a resposta aos desafios é a ação sobre a realidade a fim de transformá-la.

O homem é aquele ser que acredita nas possibilidades, suas e dos outros, para poder transformar o mundo em que vive. É aquele o qual, se preciso, denuncia as injustiças que há, mesmo que tal venha a prejudicá-lo, mas que não o deixa como um ser inautêntico, covarde.

Na opressão, os oprimidos descobrem que por serem homens não podem continuar sendo "coisas" possuídas e é de suas consciências que chegam à consciência de uma classe sob a opressão.

O homem, e em especial o homem dialógico, é alguém de teste - munho constante, humilde e corajoso na teoria dialógica, onde a tarefa comum é a constante libertação dos homens. Para tal é necessário um sempre maior conhecimento crítico do momento histórico, onde a ação se desenvolve.

O homem é alguém coerente com a palavra e o ato o qual testemunha.

É um ser que tem a ousadia de quem testemunha, é levado a enfrentar a existência como um risco permanente. É um ser de radicalização, leva a quem dá testemunho sempre mais à ação. Pelo amor o homem é alguém que transforma o mundo para libertar os homens.

É alguém que, mais do que em qualquer outra coisa ou objeto, acredita no seu semelhante, o homem. Isso porque a Ação Libertadora, vendo a dependência em que se encontram seus semelhantes, oprimidos, deve, pela reflexão e ação, tentar transformá-la em independência. Assim o homem é alguém em constante luta por sua libertação. E, em especial, o homem conscientizado, é responsável por levar uma educação ou uma informação crítica e criticizadora.

O homem dialógico é sempre aquele que mantém relação horizontal de A para B. Nasce de uma idéia crítica e gera a criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da fé, da confiança. Por causa disto é que o diálogo comunica. E quando A e B se ligam com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Insta

la-se, então uma relação de simpatia entre ambos. Há a comunicação.

Homem antidialógico

Relação de A

"simpatia" $\updownarrow$

quebrada B = comunicado

MATRIZ; desamoroso, inumilde, desesperançoso, sem fé, sem confiança, acrítico.

Homem dialógico

A $\xleftrightarrow{\text{com}}$ B = DIÁLOGO
COMUNICAÇÃO

Relação de "simpatia" entre os pólos, em busca de algo.

MATRIZ: Amor, humildade, esperança, fé, confiança, criticidade.

Assim o homem é o ser que, na educação que faz com o educador, que no caso é o seu semelhante, se assume, se encontra como homem da liberdade. A Pedagogia torna-se assim a prática da Liberdade do Homem. É o momento em que o homem, por causa da conscientização que sofre ao alfabetizar-se, se encontra num contexto, numa época, num momento concreto-existencial. E o homem se encontra como homem. Como homem perante o outro, perante o mundo, perante a natureza ou perante a própria cultura. É alguém que no diálogo cumpre com sua vocação. É chamado a se relacionar com os outros. Relacionamento que não é um modo vertical de ser, mas que no ser horizontal se torna com o outro, aquilo que deve ser ou aquilo que não pode realizar isolado.

Assim é que se pode falar que há uma mútuo-libertação, na Comunão, que é base para o existir amoroso fundado na fé, na esperança e especialmente, na humildade.

C O N C L U S Ã O

Expostas as idéias centrais da presente pesquisa, tentar-se-á concluí-la com observações e questionamentos sobre a realidade educacional de Paulo Freire, frente a nossa situação pedagógica.

O autor em estudo chama de "Educação Bancária", à nossa realidade educacional, isto é, uma educação que é reflexo de uma sociedade opressora, onde:

- professor ensina e alunos são ensinados;
- professor sabe tudo e alunos nada sabem;
- professor pensa e se pensa para os estudantes;
- professor fala e os alunos escutam;
- professor estabelece disciplina e os alunos são disciplinados;
- professor escolhe, impõe sua opção e os alunos se submetem;
- professor faz e os alunos acham que fazem graças ao professor;
- professor escolhe os conteúdos e os alunos sem serem consultados, se submetem;
- professor confunde autoridade do conhecimento com sua própria autoridade, opondo à liberdade dos alunos;
- professor é sujeito do processo de formação e os alunos são simples objetos do professor. Mas jamais' chegam a considerar a realidade de maneira crítica.

Neste tipo de Educação o termo Extensão é muito usado e muito valorizado. Porém, é usado no sentido de estender "algo a alguém", ou "algo a". E quem estende, estende alguma coisa a alguém; esse alguém é quem recebe o conteúdo do objeto da ação verbal. É necessária uma realidade e esta não existiria se a presença humana não fosse uma presença real. E o extensionista é o que dá suas técnicas, seus conhecimentos. E quando fala-se no termo "Extensão", facilmente somos levados a pensar:

- Extensão é igual a transmissão.
- Extensão é igual a Sujeito Ativo (o que estende).
- Extensão é igual a Conteúdo (escolhido por quem estende).
- Extensão é igual a Recipiente (do conteúdo).

- Extensão é igual a Entrega (algo levado por alguém que não vive a realidade do alguém que recebe).
- Extensão é igual a Messianismo (de quem estende).
- Extensão é igual a Superioridade (do conteúdo de quem entrega).
- Extensão é igual a Inferioridade (de quem recebe).
- Extensão é igual a Mecanicismo (na ação de quem estende).
- Extensão é igual a Invasão Cultural (o conteúdo levado é reflexo do mundo daquele que leva, acima da realidade ou fora da realidade dos que o recebem).
- Extensão é igual a Transmissão, Entrega, Doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc.

Tudo isso transforma o homem em "coisa". Nega a ação e reflexão. Não corresponde a um "quefazer" educativo-libertador. Mas é uma técnica "domesticadora".

Paulo Freire, porém, defende um modo educacional onde o que deve acontecer é a problematização da situação concreta, objetiva, real do educando, a fim de que ao captá-la criticamente, atue criticamente sobre ela. E mais: diante de tudo aquilo que vimos no decorrer de nosso trabalho, poder-se-ia concluir, questionando:

- Será que a nossa realidade educacional não admite o escândalo de um povo silenciado, marginalizado e imerso na passividade?
- Na realidade educacional em que vivemos, será que não se encontram as faces de um regime opressor contra uma gente oprimida?
- A serviço de que está a nossa Pedagogia? Qual é o lugar ocupado pelo Homem? O que ela representa para o Homem e o que este mesmo Homem representa para a Pedagogia?
- Que espécie de relação é mantida entre o Homem e essa Pedagogia?
- A que e a quem busca formar a nossa realidade educacional?
- Quem julga ou avalia a quem se diz Educador?
- Tem sentido se falar em Diálogo, Libertação, Conscientização, Comunhão, numa realidade educacional onde o Homem é cada vez mais oprimido por um modo de ser político que busca oprimir mais?
- Será que restam chances para que um Pedagogo que busca libertar, como é o caso de Paulo Freire, possa atuar realmente sem ser massacrado, torturado, exilado, morto,....?

Porém, sente-se o quanto se necessita aprender, mesmo em relação à Pedagogia Antropológica de Paulo Freire. Tem-se consciência das muitas limitações sofridas no decorrer da organiza-

ção do trabalho. Sobre uma clara consciência das limitações que se sentiu, mas ao mesmo tempo vive-se uma "angústia" e uma esperança por querer caminhar mais no aspecto que se propôs caminhar, qual seja, buscar tornar nossa realidade educacional um pouco mais humana, e por isso mesmo mais libertadora, porque é dialógica.

Um aspecto que leva a uma interrogação neste final de trabalho é que, por enquanto, por motivos alheios à sua vontade, atualmente, não há muita chance de uma realização concreta do Método do Autor em estudo, em nosso meio. Contudo, pode-se aceitar com razoável credibilidade o que o Autor conta na sua experiência de pedagogia sobre a realização de seu método.

Muito permanece de Paulo Freire no autor desta pesquisa, animando-o a lutar, isto é, tentar, mesmo que em pequenina escala, a realização de uma Pedagogia em que o Homem é criador de sua própria história e, por isso, sujeito da mesma. Como sujeito busca transformar a realidade em que se encontra, realizando sua grande e única vocação de homem, naquilo que Paulo Freire chama de "COMUNHÃO", isto é, a mútua libertação, a libertação no Diálogo.

NOTAS

1. CONCLUSÕES DE MEDELLIN. II^a Conferência Geral do Episcopado Latino Americano - Documento nº 7 - 2 ed. São Paulo, Paulinas, (s.d.), p.50.
2. Paulo FREIRE. Concientización. Buenos Aires, Busqueda, 1974. p.7.
3. PASQUIM. Entrevista com Paulo FREIRE. Rio de Janeiro, 9 (462): 10, de 5 a 11 maio 1978.
4. Id. p.10.
5. Id. p.10.
6. Id. p.11.
7. Id. p.11.
8. Id. p.11.
9. Id. p.13.
10. Paulo FREIRE. Cartas à Guiné-Bissau. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. p.45.
11. PASQUIM. p.14.
12. Paulo FREIRE. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. p.32.
13. Id. p.32.
14. PASQUIM. p.10.
15. Id. p.11.
16. Id. p.14.
17. Id. p.12.
18. Id. p.11.
19. Paulo FREIRE. Concientización. p.45.
20. Id. p.55 e 56.
21. Paulo FREIRE. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969. p.128.
22. Id. p.134.
23. Paulo FREIRE. Cartas à Guiné-Bissau. "Orelha".
24. PASQUIM. p.10.

25. Paulo FREIRE. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. p.86.
26. Id. p.36.
27. Paulo FREIRE. Pedagogia do Oprimido. p.80.
28. Id. p.84.
29. Id. p.79.
30. Paulo FREIRE. Cartas à Guiné-Bissau. p.55.
31. Paulo FREIRE. Extensão ou Comunicação? p.25.
32. Paulo FREIRE. Pedagogia do Oprimido. p.27.
33. Paulo FREIRE. Concientización. p.37.
34. Paulo FREIRE. Educação como Prática da Liberdade. p.40.
35. Amílcar CABRAL. Apud: Paulo FREIRE. Cartas à Guiné-Bissau. p.90.
36. Paulo FREIRE. Cartas à Guiné-Bissau. p.45.
37. Paulo FREIRE. Extensão ou Comunicação? p.55.
38. Paulo FREIRE. Ação cultural para a Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. p.66.
39. Id. p.70.
40. Id. p.81.
41. Paulo FREIRE. Concientización. p.32.
42. Paulo FREIRE. Educação como Prática da Liberdade. p.105.
43. Paulo FREIRE. Ação Cultural para a Liberdade. p.135.
44. Id. p.144.
45. Paulo FREIRE. Educação como Prática da Liberdade. p.48.
46. Ernani FIORI. Apud: Paulo FREIRE. Pedagogia do Oprimido. p.1.
47. Id. p.1.
48. Id. p.2.
49. Id. p.5.
50. Id. p.6.
51. Id. p.7.
52. Id. p.8.
53. Id. p.9.
54. Id. p.11.
55. Id. p.12.
56. Id. p.14.

57. Ernani FIORI. Apud: Paulo FREIRE. Pedagogia do Oprimido. p.15.
58. Id. p.15.
59. Paulo FREIRE. Educação como Prática da Liberdade. p.50.
60. Paulo FREIRE. Extensão ou Comunicação? p.43.
61. Id. p.62.
62. Id. p.65.
63. Id. p.69.
64. Paulo FREIRE. Concientización. p.29.
65. Id. p.89.
66. Id. p.90.
67. Paulo FREIRE. Pedagogia do Oprimido. p.24.
68. Id. p.71.
69. Id. p.93.
70. Id. p.93.
71. Id. p.93.
72. Id. p.92.
73. Id. p.96.
74. Id. p.102.
75. Id. p.119.
76. Id. p.119.
77. Id. p.160.
78. Id. p.165.
79. Id. p.169.
80. Id. p.178.
81. Paulo FREIRE. Educação como Prática da Liberdade. p.144.
82. Paulo FREIRE. Pedagogia do Oprimido. p.197.

B I B L I O G R A F I A

1. FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
2. FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
3. FREIRE, Paulo. Concientización. Buenos Aires, Busqueda, 1974.
4. FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
5. FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
6. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
7. PASQUIM. Entrevista com Paulo Freire. Rio de Janeiro, 9 (462): 10-14, de 5 a 11 maio 1978.
8. STEIN, Suzana Albornoz. Por uma Educação Libertadora. Rio de Janeiro, Vozes, 1976.

Germarando Ghiggi - 1998
Faculdade de Educação - UFPEL
Rua Almirante Barruso, 1734
Tel. (0532) 2.27981
Fax. (0532) 254573
CEP 96010-280 - Pelotas-RS
e-mail: ghiggi@ufpel.tche.br